



SANTOS, Renato dos. *A carne do real: Merleau-Ponty e a psicanálise*. São Paulo: Dialética, 2022, 244p ISBN: 9786525232911
DOI: <https://doi.org/10.48021/978-65-252-3275-1>

Merleau-Ponty E A Psicanálise

Juliana Rodrigues Dalbosco¹

Recentemente Renato dos Santos autor de *O quiasma do mundo: a questão da alteridade em Merleau-Ponty* (Curitiba: CRV), lançou *A carne do real: Merleau-Ponty e a Psicanálise* (São Paulo: Dialética) brindando os leitores interessados tanto na fenomenologia de Merleau-Ponty, quanto os interessados na psicanálise lacaniana com uma rica interlocução entre as áreas. O autor que possui um percurso pela psicanálise e pela fenomenologia, doutor pela Universidade de Coimbra e pela PUC-PR busca defender nesta obra, a tese de que o real, o simbólico e o imaginário encontram-se entrelaçados carnalmente, tanto na fenomenologia de Merleau-Ponty quando na psicanálise freudo-lacaniana. Nesta recensão, irei pontuar os aspectos gerais e algumas percepções de minha leitura do rigoroso trabalho de Renato dos Santos.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2018). Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Membro do grupo de pesquisa Quiasma: Filosofia, Ciência e Arte, cadastrado no CNPq. Tem interesse nos seguintes temas de pesquisa: Função Materna, Espírito Materno, Desejo e Constituição psíquica e pelos seguintes autores: Buytendijk, Freud, Lacan e Winnicott. E-mail: dalbosco.psi@outlook.com

A obra contém 244 páginas e se divide em três partes, sendo o primeiro capítulo dedicado à *arqueologia da existência*, o segundo sobre *a carne do real* e o terceiro e último, trata do *estranho familiar*. O autor ao defender que o real se encontra encarnado, não havendo sobreposições entre os registros (real, simbólico e imaginário), estando cada um com o mesmo grau de importância afirma que não existe um antes e um depois no sentido absoluto do termo, ou seja, pautando em Merleau-Ponty, não haveria então uma imagem original e as demais resultantes em apenas cópias. “Porque se assim fosse, teríamos uma imagem que é a ‘verdadeira’, a imagem ‘real’, e as demais seriam falsas” (SANTOS, 2022, p. 18).

Santos demonstra que não há um princípio absoluto que outorgue a verdade última das coisas. E “o real, tomado como impossível, será o que nos permitirá desfazer a ideia de um antes e depois cronológico, assim como de dizer que há um modelo universal de sentido” (SANTOS, 2022, p. 18). Outra implicação do real que o autor nos traz, se dá a respeito da experiência da alteridade. Ele nos leva a pensar em alteridade que não se reduz ao imaginário, tampouco, no semblante do Outro, mas sim, que se apresenta dentro de si mesmo, como uma intimidade estranha, um estranho familiar.

Na primeira parte, *Arqueologia da existência*, Santos ainda mostra como a subjetividade humana pode ser compreendida para além das concepções de um sujeito transparente para si mesmo, de um Eu que se define a partir de si mesmo como defende Descartes. Contrastando com a perspectiva da psicanálise de Freud e de Lacan, bem como com a filosofia de Merleau-Ponty, o autor descreve que, para compreender a subjetividade humana, é necessário a implicação no tratamento de várias questões ligadas a ela, como a ética, a política, a alteridade, o desejo, as relações entre diferentes culturas, etc. destacando que é por esta razão que propõe “uma investigação arqueológica para compreender a constituição do sujeito, sua relação primordial com o mundo e com os outros” (SANTOS, 2022, p. 24).

Inicialmente, neste capítulo, Santos nos explica sobre *O olho da razão, ou a transparência do sujeito cartesiano*, trazendo a concepção cartesiana sobre o Eu, com a separação entre sujeito e objeto, ou *res cogitans* e *res extensa*. Ou seja, “ou existe-se como pensamento, ou como extensão, como ser ou como nada. Trata-se, noutras palavras, [...] de desconsiderar o negativo, o inconsciente, o irracional” (SANTOS, 2022, p. 25). E contrariamente a esta perspectiva, o autor retrata como a noção de subjetividade encarnada é pensada por Merleau-Ponty.

Em *anonimato e familiaridade: a ambiguidade do corpo próprio*, Santos propõe a reflexão, pautado em Merleau-Ponty, de que não há como nos separarmos do corpo para falarmos dele, “retirar-se para o interior do pensamento de modo a conseguir encontrar uma possível pureza da existência” (SANTOS, 2022, p. 35). Pois, o corpo próprio não se reduz à noção de objeto, e afirma:

Na dimensão da experiência, o corpo se revela enquanto corpo-sujeito, como ser-no-mundo. O sujeito somente se constitui na medida em que é corpo, suas relações com os outros se dão unicamente pelo fato de que é figurado como corporeidade (SANTOS, 2022, p. 35-36).

Para o autor, é o ser-no-mundo que permite sair do dualismo das perspectivas objetivistas, quando coloca a existência no mundo como possibilidade mesma da própria perspectiva em que a psicologia e a fisiologia se instalam. Propõe ao leitor que pense o corpo próprio sob uma dimensão ambígua, por um fundo de anonimato e atualidade ou, se preferir, habitual e atual. O habitual referido à dimensão vivida no mundo, em que o próprio corpo em sua intencionalidade motora se realiza como movimento pré-reflexivo, e o corpo atual, que designa por meio de sua possibilidade reflexiva (intencionalidade de ato) de poder se atualizar existencialmente no presente momento. Escreve ele:

Diante dessa ambiguidade, o sujeito encontra-se como que cindido em sua própria corporeidade; por um lado, um comportamento sedimentado que não cessa de se inscrever, revelando ao corpo atual sua outra face mais arcaica, o seu duplo, o seu estranho, que de certa forma o sustenta, como uma figura sobre um fundo (SANTOS, 2022, p. 39).

Por conseguinte, o autor trata do *inconsciente como sentir, o sentido ontológico do desejo e o desejo e sexualidade*, onde inicia mapeando a noção de inconsciente nas obras de Merleau-Ponty, buscando articular tal categoria com a psicanálise. Santos destaca que não almeja dar um estatuto metafísico para o inconsciente, pois o inconsciente, para Merleau-Ponty, não está fora deste mundo fenomênico: ele só pode existir dentro das contingências mundanas. O autor busca compreender o inconsciente enquanto carne ou quiasma, onde atividade e passividade não constituem um só processo intercambiável.

Por desejo, o autor entende que é aquilo que permite ao sujeito buscar algo além de si mesmo, para além de uma identidade positiva de um sujeito cartesiano. Assim, “somente uma subjetividade que é atravessada por uma falta, ou melhor, por um negativo, que detém a possibilidade de desejar” (SANTOS, 2022, p. 78). Pois, para desejar precisamos ser “furados”, ser atravessado por um excesso de mundo, mas ao mesmo tempo, “ser um corpo encarnado no mundo” (SANTOS, 2022, p. 78), justamente porque o desejo é da ordem do impossível, da insatisfação, da incompletude.

Na segunda parte de sua obra, *A Carne do Real*, o autor traz à tona a parte central de seu trabalho, ressaltando o que está no centro da existência humana, “que a causa e que faz com que nossa vida subjetiva gire em torno disto que não sabemos, apesar de não deixar de produzir efeitos em nossa vida por uma atmosfera de angústia” (SANTOS, 2022, p. 104). Afinal, estamos falando precisamente do real. Ele

se propõe a localizar na obra de Merleau-Ponty e na psicanálise o que se denomina de “indeterminado (tempo mítico ou nada) (Merleau-Ponty), *das Ding* (Freud) e objeto *a* (Lacan). Ou ainda, para resumir estes três conceitos, podemos denominar apenas por *real*” (SANTOS, 2022, p. 104). Ainda sobre o real, o autor destaca:

Aquilo que não se esgota sob a atmosfera de um mistério, que não se pode determinar por nenhum significante é precisamente o real. Este real é o que está na origem da constituição subjetiva, das relações com o outro e do eu consigo mesmo no sentido de que há na base da própria estrutura da subjetividade um estranhamento ontológico de si mesmo (SANTOS, 2022, p. 105).

Este é o núcleo da pesquisa de Santos, a partir desse fundo chamado inconsciente, ambiguidade ou quiasma, revelando como o sujeito é atravessado, cindido, e segue afetando o mundo e por ele afetado. Aí se traça, desde Freud, acerca de uma coisa não representável, percorrendo desde as topologias do real: *extimité* e *chiasme*, o objeto causa de desejo, o olhar como objeto da pulsão escópica até finalizar a parte central com o real como impossível. “*Das Ding* é o pivô em torno do qual toda vida subjetiva circunscreve-se” (SANTOS, 2022, p. 114), pois todo o aparelho psíquico se organiza em torno deste *das Ding* buscando se diferenciar do Outro primordial.

A “Coisa, enquanto negativo fecundo, possibilita ontologicamente o devir, o vir a ser dos entes, dos significantes – estes, aliás, são perpassados pela presentificação do vazio deflagrado pela falta estrutural de *das Ding* (SANTOS, 2022, p. 117). O que permite o desencadear da cadeia significante é justamente o vazio, a falta, o negativo. Ora, na psicanálise, o que instaura a falta é a castração, a lei ou a entrada do significante Nome-do-Pai. Já, na fenomenologia de Merleau-Ponty, conforme Santos nos explica, “podemos encontrar essa falta já nas coisas do mundo. Refere-se aqui a ideia de ambiguidade, precisamente o fundo da figurabilidade dos objetos que mantenho relação intransponível” (SANTOS, 2022, p. 120). É o que afirma Santos (ibidem):

O ponto central que vemos possibilidade de diálogo entre a psicanálise e a fenomenologia reside no fato de que, mesmo antes da ideia do sujeito incompleto, há uma falta, o vazio, que convoca, demanda ao sujeito, o desejo, o movimento, ser o que ele não é, mesmo que seja “não ser”.

O autor ilustra com a figura topológica da Fita de Möbius, para compreendermos de que forma a ontologia do quiasma de Merleau-Ponty e a noção de extimidade que traz Lacan se movimentam. Nesta figura, o interno e o externo interdependem-se a ponto de ser praticamente impossível discernir qual dos lados é o interno e o externo, não havendo sobreposição de algum entre eles. A noção de carne é então empregada, retomada de Merleau-Ponty, para pensar uma estrutura

ontológica, e, em Lacan, os três registros arquitetados pela topologia do nó borromeu. Santos observa que podemos entender a noção de carne também como uma topologia, quer dizer, trata-se de “pensar a noção de carne enquanto estrutura ontológica, em termos topológicos, fazer então uma carnalidade topológica para compreender o real” (SANTOS, 2022, p. 165).

Chegando, pois, à terceira e última parte, intitulada *O estranho familiar*, Santos se propõe em deixar claro, o porquê surge conteúdos em nossa existência que devem ser afastados e o que deflagra a familiaridade em estranhamento. Defendendo a tese de que a alteridade – enquanto um outro que não deixa se deixa apreender – somente seria possível a partir do momento em que considerarmos o estatuto de sujeito não absoluto, mas descentrado, castrado. O autor ilustra de que forma será o real como experiência de morte, finitude, estranhamento, “que permitirá romper com os sonhos fantasiosos de se pretender pensar a experiência da alteridade em termos de intersubjetividade pautada entre dois *cogitos* ou dois egos” (SANTOS, 2022, p. 20).

Para o autor, “o estranho” é um dos nomes do real; essa alteridade a que se refere em sua obra não se caracteriza no campo do imaginário ou simbólico, mas sim, do real como impossível de se apreender. Trata-se, enfim, de um real que se encontra no centro de nossa subjetividade. A carne do real se refere a um impossível dentro de nosso próprio mundo, “atemporalidade dentro da temporalidade sem que haja coincidência ou sobredeterminação da temporalidade sobre a atemporalidade, mas cofuncionamento estrutural, por reversibilidade e precessão” (SANTOS, 2022, p. 228).

Por fim, pensar sobre o real encarnado, um sujeito de desejo, cindido que possui um estranho familiar, perpassado pelas dimensões do real, simbólico e imaginário, situado na carne do mundo, é algo que rompe totalmente com o ideal clássico do sujeito cartesiano. Destacamos que esse entrelaçamento que o autor defende, via a obra de Merleau-Ponty em diálogo com a psicanálise, é um convite ao leitor interessado em aprofundar seus conhecimentos acerca da subjetividade humana, mas não sem uma boa dose de angústia.

Referências

SANTOS, R. dos. *A carne do real: Merleau-Ponty e a psicanálise*. São Paulo: Dialética, 2022.

Submissão: 04. 07. 2022

Aceite: 05. 07. 2022